Officina de composição e impressão de
MANUEL BAPTISTA TORRES
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Baptista Torres
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 406
Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada li-
nha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

RESPONSABILIDADES

Ainda ha mais que dizer, escreviamos ao finalizar o ultimo artigo. Pois digamos tudo. Nunca as circunstancias o exigiram tanto como hoje.

Vimos o que o *Povo de Aveiro* publicou até 9 de dezembro. Em 16 de dezembro continuava:

«Nós bem diziamos aos republicanos que só os primeiros passos do ministério seriam em sentido liberal. Só os primeiros passos. Diziamos-lo a tempo e a horas. Diziamos-lo logo que foi ao poder o gabinete actual. No dia seguinte áquelle em que se constituiu o ministério. E diziamos-lo para que se acatassem, para que seguissem uma politica habil. Para que fossem energeticos sem deixarem de ser atilados. Para que os primeiros passos do ministério em sentido liberal não fossem só para elle um simples compasso de espera, mas tambem para os republicanos. Para que o governo o não aproveitasse exclusivamente na obra de preparação da defesa monarchica, mas para que o aproveitassem tambem os republicanos na obra da preparação da defesa republicana. Se esta obra estava toda por fazer, o mais elementar raciocinio, o mais rudimentar principio de bom senso aconselhava os republicanos a que aproveitassem, a correr, as tréguas que as circunstancias lhes proporcionavam, e, como Roma e Pavia não se fizeram n'um dia, a que empregassem os mais habéis esforços, não em as encurtar, como fizeram, mas em as prolongar.

Temeram que João Franco lhes fizesse concorrência, lhes tomasse o passo, lhes tirasse a popularidade. Nada mais insensato. Um instante de reflexão, como aqui lhes dissémos, e como aqui lhes dissémos tambem muito a tempo, tambem muito a horas, um instante de reflexão lhes mostraria toda a insensatez d'esse receio pueril. João Franco não poderia manter-se muito tempo no campo liberal e no campo honesto, por mais que o quizesse. A sua boa vontade poderia ser grande. Mas esbarrava necessariamente na fatalidade das circunstancias, termo que por ser um logar commum, e por parecer destituído de toda a significação, não deixa, no fundo, de ter uma base scientifica e de significar immenso. Ora se João Franco esbarrava necessariamente, a boa tactica, a conveniencia partidaria seria, não combate-lo á *outrance* quando elle era liberal e honesto, mas preparar tudo para o combater de morte, e á monarchia, quando elle deixasse de ser liberal e quando elle deixasse de ser honesto.

Quer seguir o caminho liberal? Quer fazer uma boa administração? Pois bem, dir-lhe-hiamos, como acima de tudo collocamos os interesses da patria e os interesses da liberdade, conte n'esse campo com os nossos applausos. Simplesmente, estamos convencidos de que as suas tentativas são vãs, de que cahirá nos processos antigos não tarda nada, e d'isso vamos prevenindo o paiz, para que não tenha que soffrer uma nova decepção.

E no dia em que João Franco houvesse naturalmente regressado aos processos anteriores, arrastado pela fatalidade das circunstancias, em que avultariam, como forças invencíveis, os odios, os resentimentos, as ambições dos politicos monarchicos, e as intrigas, ambições, egoismo, espirito

de predomínio e intransigencia, das camarilhas e de toda a... (supprime-se o termo *por causa das duvidas*) só uma força respeitavel e por todos acatada se levantaria n'esta terra: a força republicana. Respeitavel pela correcção e habilidade da sua conduta, respeitavel pela organização publica e secreta a que,—aproveitando as tréguas dadas pelas circunstancias, aproveitando o desafogo dos espiritos, a explosão do sentimento até ali tyrannicamente comprimido,—os chefes haveriam procedido.

Toda a nação teria de curvar a cabeça diante do partido republicano. Ninguem o poderia accusar de ter sobreposto aos verdadeiros interesses da liberdade, e da patria, ambições ou soffreguidões de mando. Ninguem poderia dizer aos membros d'esse partido: «os senhores concorreram tambem para que o actual governo se desviasse do caminho de liberdade e honestidade que estava disposto a trilhar.» Emfim, com essa conducta de prudente e habil reserva, de espectativa segura, que aproveitaria ao mesmo tempo para refazer as suas forças, para dar os necessarios retoques n'uma reorganização que data de hontem, pôde-se dizer, o partido republicano tudo teria a ganhar e nada teria a perder.

O partido republicano, que nunca teve direcção, commetteu um grande erro. E vê-lo-hemos.

Se insistimos n'este ponto é porque gostámos sempre de liquidar a tempo responsabilidades. Não se dirá jámais que não houve nunca quem previsse os desastres, e os proclamasse bem alto, dentro da democracia portugueza. Houve sempre. O partido republicano, á mercê de auctores de acrosticos e outros *fredericos* que dentro d'elle constituem a opinião dominante, é que nunca quiz ouvir a voz da verdade e da prudencia.

Accusam-nos de sermos azedo. Pois seremos azedo. Mas não somos idiota. Ora dos azedos muitas coisas uteis, demonstra-o a historia em todo o mundo, teem derivado. Dos idiotas é que nunca derivou senão... idiotia.»

Um diario republicano fez objecções a esta nossa teimosa propaganda, dizendo:

«Para que o partido republicano pudesse ser mais benevolo com o actual governo do que o fóra com os predecessores Hintze Ribeiro e José Luciano era preciso que d'este governo tivessem provindo vantagens para a nossa causa.

Se tivéssemos adormecido á sombra da tolerancia governamental, se tivéssemos passado a tratar da reorganização partidaria, exclusivamente, quem teria lucrado seria o governo, porque, quando nos dispuzéssemos a reagir, toda a obra nefanda do governo estaria realisada (e assim não esteve—vá lá este parenthesis) e os varios projectos de reforma propostos pelo governo, tornados facilmente leis, (como se tornaram) impediriam (como impediram) toda a propaganda a que nos abalancássemos.»

Replicámos em 23 de dezembro:

«Mas quem falou em adormecer á sombra da tolerancia governamental? Quem falou em tratar da reorganização partidaria *exclusivamente*?

Dissémos aqui precisamente o contrario. Dissémos aqui bem claro que «a grande politica seria registrar nitidamente, energeticamente, todos os erros de João Franco, todos os seus

attentados á liberdade, todos os desvios do seu programma. Registrar e atacar. Mas atacar sem *descambar*. Avançar só o preciso para não recuar.» Em que se parece isto com a tal *sonca* á sombra da tolerancia governamental? Em que se parece isto com o tal *exclusivismo* da reorganização partidaria? Apenas desejávamos, nós, pelo que nos toca, que os republicanos fossem instrumento da democracia em vez de serem instrumento da reacção monarchica. Porque afinal os republicanos, que nunca tiveram um homem politico á sua frente desde que existe partido republicano em Portugal, não teem feito outra coisa, a clamarem intransigencia em todos os tons e por todos os lados, senão servir de instrumento á reacção monarchica.

Como foi que evitarão que se realisasse a tal obra nefanda do governo, a que se refere a gazeta que nos provoca estes reparos?

Como foi que impediram que se convertessem em leis os taes projectos de reforma?

Está-se vendo, e vê-se-ha.

Não conseguiriam mais por outros processos? Talvez. Mas, ao menos, não se diria,—era conveniente que não se dissésse, era preciso que não se podésse dizer,—que foram elles que lançaram o governo, de mãos atadas, nos pés do Paço.

Só ha, dizia, já, José Estevão, ha muitos annos, duas maneiras de governar: ou com a Praça, ou com o Paço. João Franco parece que teve o desejo sincero de governar com a Praça. Sincero ou não, esse intuito, na apparencia, ficou provado. Mas, sem o apoio directo ou indirecto dos republicanos, nenhum governo, em Portugal, pôde governar com a Praça. Déram os republicanos esse apoio a João Franco? Não. Logo, ou indo adiante dos desejos de João Franco, se elle não era sincero, ou comprometendo-o gravemente, se era sincero, forçaram-n'o a este dilemma terrível: ou demittir-se, ou metter-se, de olhos fechados, nas mãos do Paço. Em qualquer caso, praticaram habilmente uma obra democratica, ou praticaram desastrosamente uma obra de reacção monarchica?

João Franco quiz *inutilisar-nos á força de liberdade*. Era um falso liberalismo? Se nós ganhávamos, que nos importava? Era uma especulação? Mas a quem ia ella prejudicar ou deshonrar? E' unica, esta de um partido politico se revoltar contra um jogo em que ganha! E' unica, e só podia sahir das cabeças phantasticas que dirigem o republicanismo em Portugal!

Tudo o nosso interesse seria não pôr muito em relevo a ingenuidade ou o erro do nosso adversario, e muito menos apedrejar-lo por esse erro, de que resultava utilidade para nós, ou por essa ingenuidade. Pois não senhores. Por um lado tirámos a João Franco, se os seus desejos eram bons, toda a força com que se poderia impôr ao Paço. Por outro lado zombámos-lo, troçámos-lo, apedreámos-lo por cahir na *asneira de nos querer inutilisar á força de liberdade*.

Pois isto poderia lá sahir d'outras cabeças que não fossem as cabeças mirabolantes dos homens das arabias que estão á frente do partido republicano em Portugal?

Nunca se viu. Nunca se ha-de vêr. Em qualquer tempo e em qualquer paiz civilizado.

O rei, é evidente, em certa altura teve medo dos republicanos. Para que o governo de João Franco fosse viavel, em sentido liberal, era neces-

sario que João Franco podésse mostrar ao rei os republicanos, até certo ponto, acalmados. Só assim o rei iria engulindo os progressos que os republicanos fossem fazendo, como, de facto, fizeram, á sombra da liberdade. A liberdade—é já um axioma—só fructifica bem á sombra da liberdade. Com um governo de tolerancia e de liberdade, os republicanos progrediriam fatalmente. Era necessario esperar—toda a boa prudencia, toda a boa politica o recommendava, n'um paiz cujo maior mal é a falta de educação democratica,—que esses progressos se fortificassem. Só então seria licito erguer o *collo revolucionario*.

Os republicanos seguiram exactamente o caminho opposto. Com um absoluto desconhecimento da historia, com uma falta manifesta de senso pratico, tiveram medo de que João Franco realmente identificasse a monarchia com a liberdade e lhes empalmasse a popularidade. Ao mesmo tempo, arrastados na cegueira dos detestaveis processos negativos que desde o principio caracterizam a politica republicana em Portugal, sem coragem civica para resistirem ás imposições grosseiras e estupidas d'uma turbamulta ignorante, sentimental, tumultuaria, sacrificando tudo á ambição e á vaidade d'uma facil popularidade, perturbados com um successo momentaneo, sem repararem em que era filho d'um regimen de liberdade, e mesmo assim mais ficticio que real, que a licença inflammara e que uma repressão severa faria de prompto recuar, julgaram-se bastante fortes para entrar no periodo revolucionario.

Proclamando a revolução, á bocca cheia, insultando o rei, como nunca, apedrejando os ministros, crescendo em numero, mostraram ao Paço que o tal regimen de liberdade em vez de acalmar só servia para excitar os republicanos. Tiraram essa força a João Franco, se João Franco, porventura, tinha sinceridade.

Enfraquecido n'esse ponto, João Franco sentiu, ainda, diminuir a sua força com a terrivel especulação feita, em volta dos republicanos, pelos outros partidos monarchicos. Os republicanos, que não queriam, em favor do seu jogo, ser instrumento do João Franco, passaram a ser, fazendo o jogo d'elles, docil instrumento dos dissidentes, dos *independentes*, e dos regeneradores. Esse artigo da *Lucta*, a que atraz nos referimos, (era um artigo em que o sr. Camacho, troçando das liberdades de João Franco, enumerava ao mesmo tempo as vantagens que d'essas liberdades haviam resultado para os republicanos) foi largamente commentado pelas *Novidades*, pelo *Dia* e outros orgãos monarchicos. Para toda a opposição monarchica, os progressos republicanos eram devidos, não aos crimes do governo, ou ás suas immoralidades, se crimes achava no governo ou immoralidades, mas ás suas liberdades. Hintze Ribeiro não perdia occasião de afirmar o seu furor monarchico, rugindo contra os desmandos dos republicanos. E João Franco, alem de tudo naturalmente e, se era sincero, justamente irritado, só teve um caminho aberto: tornar-se reaccionario, mais reaccionario que os reaccionarios.

Chegaria lá, da mesma forma? Chegaria. Supponmos que chegava. A fatalidade das circunstancias, como já dissémos, se encarrugava de o fazer *descarrilar*. Mas chegaria lá nas melhores condições para os republicanos, como patriotas, como democratas, e, até, como partidarios. E, as-

sim, chegou nas peores condições para elles que se podiam esperar.

Nada mais triste e mais estúpido do que ser pretexto ou motivo d'um facto odioso e damnino que em todas as circunstancias se teria de realisar.»

Emfim, em 3 de fevereiro ultimo, n'um artigo intitulado *Todos erraram*, concluíamos, escrevendo, entre outras, estas palavras:

«Os republicanos commetteram um grande erro em não aproveitar a *isca* de João Franco, se elle não era sincero, ou em o arremessar de novo para processos reaccionarios, se era sincero. Mas João Franco não commetteu menor erro, fosse ou não fosse sincero, em aproveitar as primeiras investidas e os primeiros excessos dos republicanos para se lançar no caminho do absolutismo.

Nem todos os republicanos estavam d'accordo, não podiam estar, com os desatinos que officialmente se vinham praticando. Os que estavam d'accordo n'um momento de exaltação ou de cegueira, haviam de estar em desacordo quando chegasse o momento da reflexão. Ou da realidade. Sim, ou da realidade! A massa republicana estava convencidissima de que o sr. Affonso Costa tinha a revolução no bolso quando, em pleno parlamento, afirmou que havia muito mais motivos para levar o sr. D. Carlos ao cadafalso do que os houvera para lá levar Luiz XVI. Quem havia de suppôr que o sr. Affonso Costa levava a tensão revolucionaria até esse ponto para no dia seguinte o partido republicano atturar as cargas de cavallaria, a lei de imprensa, as farroncas de João Franco, tudo quanto o poder quizesse? Ninguem. Nem o mais bronco dos correligionarios.

Porem o partido, dirão, appareceu em peso a cobrir o sr. Affonso Costa e o sr. Alexandre Braga quando os dois foram expulsos do parlamento. Pois que havia elle de fazer? *Noblesse oblige*. Nós, menos aristocratas que os francezes, temos um rifão plebeu, mas, para o caso, ainda mais significativo. Os republicanos faziam *das tripas coração*. Roiam as unhas. Mas quando uma pessoa começa por roer as unhas acaba sempre por roer as mãos e os côtos aos outros, se os outros é que são os culpados do desastre que leva a roer as proprias unhas.

A tão apregoada habilidade parlamentar do sr. Affonso Costa, que realmente é um homem de valor e que realmente, algumas vezes, tem dado provas de habilidade, soffria n'esse dia um grande cheque. Por simples destaque pessoal, por mera ambição de popularidade, como liquidação de aggravos individuais, ou para desmentir o supposto capillê das *Novidades*, que segundo esse jornal circula nas veias dos mais famosos *pimpões* republicanos, não se colloca um partido inteiro na grave situação em que o collocou o sr. Affonso Costa. Isso é a ausencia, não só de toda a habilidade, parlamentar ou não parlamentar, como de todo o senso commum.

Quem tem juizo não provoca accintosamente as coleras dos outros, se não tem forças para as repellar. Principalmente quando os

outros nos estão tratando pela fórmula porque a maioria parlamentar, e toda a camara, estava tratando a minoria republicana, de que resultava um prestigio que se traduzia em mais um acto de boa propaganda.

Isto é tão elementar, tão comensinho, que, repetimos, não podia deixar de acudir, quando chegassem as decepções que já vamos atravessando, ao espirito do mais bronco dos correligionarios.

O sr. Affonso Costa tinha razão, muita razão, para interpellar energicamente o governo sobre o caso famoso dos adiantamentos. Mas podia e devia faze-lo sem desambar n'uma situação revolucionaria, sabendo muito bem que o partido republicano não estava preparado para uma situação d'essas. Porque então teriamos o caso do outro rifão popular: *entradas de leão e paradas de sendeiro*. E entrar como um leão e parar como um sendeiro é tudo quanto ha de mais desprestigiado para um homem, quanto mais para um partido, e para um partido de grandes e generosas reivindicações nacionaes.

Ora João Franco, se fosse um homem de estado, e em coisa nenhuma, até hoje, como n'este incidente com os republicanos, demonstrou que o não era, teria visto ou previsto estas coisas todas.

Traçavamos em seguida, largamente, a evolução que se estava operando no partido republicano e acrescentavamos:

«A maior prova de que João Franco não é um estadista é que não percebeu essa evolução.

Se a tivesse percebido, fosse ou não fosse sincero nos seus intuitos, não se lançaria estupidamente no campo reaccionario, a ser um homem d'estado. Porque n'esse campo é uma creatura liquidada.

Se a tivesse percebido, em vez de a contrariar, em vez de sujeitar aos partidarios da violencia, da intransigencia, do disparate, os republicanos de juizo, te-la-hia auxiliado. E para a auxiliar, em lugar de recorrer a processos e a leis reaccionarias, crearia, embora mantendo com mão firme o respeito da legalidade, processos e leis de liberdade. Com as leis mais rasadamente democraticas se pôde manter o respeito do poder. E para exemplo ahí está Clemenceau.

Era o que faria João Franco. E era o que faria em seu proveito proprio.

Sim, em seu proveito proprio. Mesmo que João Franco não estivesse no fundo disposto a governar por processos liberaes, era-lhe de grande conveniencia fingir-se liberal. João Franco errou, e errou desastrosamente. Não percebe que governando pelos processos de José Luciano ou de Hintze Ribeiro se eclipsou? Não percebe, não percebe isso, não o perceberam e não o percebem os magnates, os corypheus do seu partido? Ou foi, como Alpoim, victima das pernas de José Luciano?

Ah, meu caro senhor, José Luciano de Castro é d'uma raça de homens aqui d'Aveiro e visinhanças que tem sete folegos como os gatos!

Emygdio Navarro—com quem, aliás, não tinhamos relações, que só uma vez na sua vida nos escreveu directamente, insinuando uma entrevista, parece que n'uma occasião em que estava disposto a conspirar—Emygdio Navarro mandou-nos uma vez pedir o favor de lhe obtermos uma certidão d'idade de José Luciano de Castro. Estava o chefe progressista na agonia, diziam os jornaes. Mandámos um homem, a correr, montado em bicycleta, á Oliveirinha. Baptizou-se em Eixo, disseram lá. N'esse tempo, acrescentaram, a Oliveirinha pertencia á freguezia d'Eixo. Correu o homem para Eixo. Estão os livros do assento do baptismo em Coimbra, na camara ecclesiastica, disseram em Eixo. Fômos, em Coimbra, á camara ecclesiastica.

Tirou-se a certidão a toda a pressa. E lá foi a certidão para Lisboa.

Pois morreu Emygdio Navarro, morreu Marianno de Carvalho, tropeçou Alpoim nas pernas inertes de José Luciano de Castro, e eis ahí José Luciano de Castro de pé, como os gatos.

Conhecemos muito bem essa raça de homens de sete folegos aqui d'Aveiro. Um já estava tystico quando nós nascemos. E' hoje, sem tirar nem pôr, o mesmo tystico que era quando tivemos a dita ou desdita de vêr a luz do mundo! Outro gritava desesperadamente, tinhamos nós oito annos, com dôres nas cruzes, dôres que o matavam. Tinhamos nós 45 e elle a gritar aqui d'el rei contra as dôres das cruzes que o matavam! E outros, e outros. Homens que estão sempre a morrer e que nunca morrem.

Contou João Franco com as pernas de José Luciano, como Alpoim contou? Era a unica maneira, talvez, successor de José Luciano, de poder seguir os processos de Hintze Ribeiro, ou de José Luciano, sem se eclipsar. Mas enganou-se. Verá, quando José Luciano lhe pregar um pontapé, e não tarda, como é perigoso confiar para a gloria nas pernas d'esse homem.

Não fez mais do que perder-se. E com isso contam os republicanos partidarios da violencia para justificarem a sua politica detestavel.

E dizemos politica detestavel porque melhor fôra, para os interesses da democracia e da patria, que João Franco houvesse tido a envergadura necessaria, ou que os republicanos o amparassem um pouco, se a não tinha, para que, n'esta hora solemne da nossa historia, se podesse dar um largo impulso á educação civica do povo portuguez.

Escreviamos domingo passado, ao terminar o nosso artigo:

«Ha de ficar demonstrado que a nossa unica violencia de linguagem tem sido manifestar claramente o nosso desacordo com os detestaveis processos e a detestavel orientação dos chefes republicanos em Portugal.»

Está demonstrado. Ahí ficam, a prova-lo, largos extractos de numerosos artigos.

Escreviamos mais:

«Ha de ficar demonstrado que o grande mal que nós temos feito ao partido republicano é ter vindo a avisar-lo a toda a hora, ha muitos annos, dos perigos enormes a que os seus dirigentes o sujeitam com constantes disparates.»

Está demonstrado.

Escreviamos ainda:

«Ha de ficar demonstrado que sendo nós um desorientado temos previsto sempre os acontecimentos politicos com precisão mathematica.»

Está demonstrado.

Ainda ninguém falava em dictadura e já nós a davamos como certa.

Era fatal. Assim o diziamos. Era fatal.

Está radiante Bernardino Machado, Affonso Costa e quejandos? Devem estar. Porque, alem de tudo o mais que são, não passam d'uns asnos, esses grandes homens. Desculpem agora a violencia da linguagem. Agora, sim. Mas agora, depois de todas as villanias commettidas connosco, está, parecnos, justificada.

Porque exultam? Porque vae, emfim, surgir a revolução? Porque vae, emfim, cair a monarchia? Pobres patetas! Muito habeis em manobras de quadilha, emeritos em planos d'assalto ao cidadão que passa descuidado, de primérrima ordem para armar ciladas aos transeuntes incautos, mas de uma espantosa ineptia em todo o jogo de intelligencia que requer esta sciencia verdadeiramente difficil de dirigir partidos dignos de tal nome, ou de governar povos.

Nem sequer cahirá o governo, quanto mais a monarchia. Nem o governo! Estejam certos.

Quando se iniciou o conflicto academico, dizia-nos em Coimbra (não era Bernardino Machado) um membro do directorio:

— Se vier a declarar-se a greve das escolas, o governo cahe.
— Está enganado, objectámos.
— O que, observou a rir, pasmado da nossa ingenuidade, pois parece-lhe que o governo não cahirá?!
— Não me parece, estou tão convencido d'isso que lh'o posso dar como certo.

— Ora não desgostava de ver a experiencia. Você, geralmente, tem acerto. Mas d'esta vez creio bem que se enganava.

Veio a greve das escolas, fez-se, pois, a experiencia, e o governo nem sequer se sentiu abalado.

Não era Bernardino Machado. Mas Bernardino e todos os outros pensavam da mesma fórma.

Não cahiu o governo com a greve das escolas e não cahirá o governo com a greve dos partidos, já annunciada por todas as gazetas da opposição. Porque não ha greve, porque não ha movimento nenhum efficaz senão quando o impulso lhe assiste uma grande sinceridade. E não ha convicção nenhuma, e não ha nenhuma sinceridade em qualquer dos dirigentes dos partidos monarchicos e na quasi totalidade dos dirigentes, pelo menos dos que estão em evidencia, do partido republicano.

Que sinceridade, que convicção pôde haver no sr. Hintze Ribeiro, que pedía ha um anno ao rei a dictadura precisamente nas condições em que o rei a concedeu agora a João Franco? Que sinceridade, que convicção pôde haver nos dissidentes, que imputavam o incremento do partido republicano á mania que se tinha apoderado de João Franco de matar aquelle partido com liberdade?

Que sinceridade, que convicção pôde haver no sr. José Luciano que fez votar a lei de imprensa mais odiosa que se tem publicado em Portugal? Que sinceridade, que convicção pôde haver nos proprios dirigentes republicanos, que demonstram a cada passo uma absoluta falta de principios e que ainda n'outro dia procederam na questão Homem Christo pela maneira mais attentatoria do direito, da justiça, da verdade, que ao mais sceptico seria dado esperar?

Não, o governo não cahe. A dictadura não só se mantem, como se mantem facilmente, que é, de tudo, o mais grave. Mais uma vez se vae provar a fragueza, a quasi inandade do espirito liberal em Portugal. Imagine-se, depois d'essa prova desgraçada, a força que fica tendo a reacção entre nós!

Ao mesmo tempo que diziamos aqui aos dirigentes republicanos, desde a constituição do ministerio franquista, que aproveitassem a experiencia liberal que João Franco lhes offerencia, que o não incitassem, pelo menos, a um procedimento de força, que não se fizessem pimpões para depois levarem bordoadá á chucha calada, que fossem prudentes, que fossem habeis, porque estavam fazendo, afinal, o jogo das camarilhas quer João Franco fosse, quer não fosse sincero, ao mesmo tempo que lhe diziamos tudo isso, ao mesmo tempo que lhe annunciavamos a dictadura como o termo final da sua propaganda desastrosa, mostravamos-lhes, EM SUCESSIVOS ARTIGOS, o trabalho TERRIVELMENTE REACCONARIO que se estava fazendo pelo ministerio da guerra. Em SUCESSIVOS ARTIGOS, como veremos no proximo domingo, porque é um caso curioso, importantissimo para a psychologia do partido republicano. Não só annunciavamos aqui a dictadura, COM MEZES DE ANTEGIPACÇÃO, como deixavamos claramente patente que essa dictadura teria um CHARACTER MILITAR.

O que fizeram os republicanos? Depois de terem mantido o mais completo silencio sobre os perigosissimos maneios militares aqui denunciados, QUE NÓS FOMOS O UNICO, em toda a imprensa portugueza, a denunciar, o grande parlamentar Affonso Costa, o grande politico Bernardino Machado, todo o directorio, armaram ao capitão Homem Christo, o homem que a monarchia tinha por mais perigoso no exercito, a ratoeira que se sabe, e depois da monarchia, aproveitando-se do laço armado pelos republicanos, se ter libertado do elemento que ha muitos annos procurava inutilisar, realisava-se um congresso republicano sem que n'elle se elevasse uma voz de protesto ao menos contra a maneira inquisitorial, offensiva do direito moderno, como o Conselho Superior de Disciplina do Exercito julga e condemna os officiaes em Portugal, e pela maneira particularmente odiosa e affrontosa como acabava de julgar e condemnar um official que os proprios monarchicos reputavam dos mais prestimosos e meritorios do nosso exercito.

Preso a uma idolatria vergonhosa, cheio de rancor aquelle que ousava discordar da opinião dos chefes e pôr-lhes a lume os crimes e os disparates, ferocemente intolerante, o que tudo demonstra quanto estamos longe da democracia em Portugal, todo o partido republicano sacrificava contente, praticando um acto de verdadeiro dreyfusismo, o unico militar que sustentava tenazmente dentro dos quartéis, com uma propaganda que a monarchia bem sabia quanto era contagiosa, os principios da liberdade, da equidade, do direito, da civilização moderna.

Queriam canga. Queriam chicote. Queriam dictadura tesa, pois zombavam de todos os processos brandos e civillizados. Ahí tem, então, a canga. Ahí tem, então, o chicote. Ahí tem, então, dictadura tesa, dictadura militar.

Sim, dictadura militar. O Dia, na quarta-feira, fazendo bichinha gala á tropa, a ver se a attrahia, sustentava que o trunfo não é espadas, não pôde ser espadas, não deve ser espadas, porque o brioso, o glorioso, o grandioso exercito portuguez é da patria, é da liberdade, é da honra, é do brio e mais... do raio que os parta! Um raio que os fulminasse, a todos estes imbecis da

politica, ainda mais perigosos como imbecis do que como especuladores, seria a unica salvação d'esta patria infeliz.

Accordaram tarde, amiguinhos. Quem dorme dorme-lhe a fazenda. Accordaram tarde. E' espadas, sim senhores, o trunfo é espadas. Mas que importa isso para os valientes que no campo da honra ostentam desprezo pela vida a toda a hora? Vamos, valientes, agora é que é a occasião d'um homem mostrar que tem brios. Vamos. Toca a sacudir essa canga ignobil. Toca a desfazer, na cara de quem o está brandindo, esse chicote infame. Cavalleiros andantes do cavalleirismo nacional, valientes do duello, de todos os partidos, e vós, ó da republica, que andaes a atordoar-nos os ouvidos a cada instante com a revolução, ahí tendes agora a occasião de patenteardes bem os vossos brios, a vossa valentia, de fazerdes a revolução.

A elles! a elles!
Os sahires agora a combater pela vossa honra e pela honra nacional, vós todos que tanto provocastes o dictador, que vos retalha n'este instante as faces com um chicote, o dictador que vos mereceu tanto desprezo e tanto motejo, ou sereis, evidentemente, os ultimos dos farçantes, e, valientes, os ultimos dos covardes.

A' revolução! A' revolução!
Nós cá esperamos pela revolução!

LÁ IREMOS

Perguntam-nos de Coimbra se não fazemos a historia interessante do Napoleão, do Lopes e outros heroes da mesma natureza.

Não tenham pressa. Lá iremos. E ha de ser, realmente, uma historia interessantissima!

Cartas de Lisboa

16 DE MAIO

Sahi de Lisboa por um acto de perseguição. Vae para onze annos. Volto a Lisboa por um acto de perseguição.

Quando estava em Lisboa escrevia para esse jornal uma carta cada semana, que sahia publicada sob o titulo de *Cartas de Lisboa*. Depois, como não tinha residencia fixa, ora aqui, ora alem, passaram as cartas a sahir sob o titulo de *Cartas d'Algures*. Hoje, que estou de novo em Lisboa, e que não tenciono mais sahir d'aquí, acabarão as *Cartas d'Algures* e recommearão as *Cartas de Lisboa*.

Sim, não tenciono mais sahir d'aquí. Ou, por outra, só sahires, se me convier, por livre vontade. Já ninguém me manda. A quem tiver essa velleidade manda-lo-hei eu tambem, de prompto, á tabúa. Com licença dos fidalguinhos das letras que olham com desprezo os que não escrevem de luvá branca, como elles. Que o acceio d'alguns d'esses fidalguinhos só está na luvá branca. Varios trazem o casaco e o chapéu cheios de sebo. E vá lá que não trazendo a alma no mesmo estado já é lucro para a hygiene e para a moralidade publica. Ha tal que caminhando perfumado e emproado por essas ruas, clamando que é um homem de bem, e talvez convencido de que é, apregoado como um homem de talento, e tambem convencido de que o é, desde os primeiros passos na vida que accumula, sem dar por isso, estero no cerebro e no coração.

Eu mando á tabúa quem tiver mais a velleidade de me dar ordens. Se perdi por um lado ganhei pelo outro. Não ha mal que não tenha a sua compensação. Eu perdi. Mas, moralmente, os salteadores que me prejudicaram materialmente perderam mais do que eu. Porque até aqui ainda me detinham certas considerações e certas conveniencias. Hoje não ha conveniencia nenhuma nem consideração nenhuma que me embarace a lingua e as mãos. Que ventura, poder um homem, sem a menor peia, dizer o que pensa e o que sente!

Já lhes parecia que diziamos de mais, na situação falsa em que viviamos, e cercado de difficuldades de toda a ordem? Pois agora é que vão vêr. Agora! E' claro que não vão vêr, nem ouvir, desbragamentos de linguagem. Vão vêr e ouvir a critica implacavel de

tudo aquillo que nos parecer miseravel intellectual e miseria moral. Não ha mais. Nem mais é preciso. Isso é tudo. E de profunda moralidade e altissima conveniencia n'um paiz onde toda a gente se acostumou a ficar silenciosa ou a mentir.

Volto a Lisboa passados onze annos. Estou aqui ha mez e meio. Tempo sufficiente, a quem já conhecia isto, para estudar as alterações occorridas. E confesso que me sinto um pouco horrorizado.

Materialmente Lisboa progrediu. Progrediu mesmo muito. Ruas magnificas, lojas magnificas, já um certo movimento, já uma ou outra mulher posta com elegancia—coisa muito rara ainda ha bem poucos annos—emfim, uma apparencia, um polimento que, na verdade, se não seduzem tambem não aborrecem. Estive ainda ha muito pouco tempo no estrangeiro. Não tenho duvida em afirmar, convencido de que não erro, que, sob o ponto de vista material, Lisboa é uma cidade de primeira ordem. E, sob o ponto de vista da natureza, sem rival na Europa. E' a cidade mais linda da Europa.

Mas moralmente, mas intellectualmente, que horror! Que pavorosa inferioridade! Que espantosa decadencia!

Dir-me-hão: «Você começa a soffrer dos achaques da velhice. E' sabido que os velhos acham sempre peor o que vêem na velhice que o que viram na mocidade.» Não é assim. Nem eu sou tão velho já que se possa dizer isso, nem espero ser, jamais, um velho tonto, incapaz de me guiar por um criterio ou sentimento mais alto que o criterio ou sentimento da idade. E é preciso notar-se que os velhos tem muitas vezes razão. Não raro o tempo deforma, não raro perverte, em vez de aperfeiçoar, ou de moralisar. No fluxo e refluxo da sua acção constante, quanta vasa immunda trazida por uma onda, que outra onda, mais tarde, torna a levar!

Eu cheguei a Lisboa no tempo em que Marianno de Carvalho era catão. E por quantos annos o foi ainda! Vi esse homem lutar denodadamente, lutar com as calças rotas, lutar cheio de embaraços, lutar honestamente por um ideal de liberdade e de reforma. Assisti á quédia d'esse homem, á decepção profunda que essa quédia produziu no espirito publico. Porque Marianno de Carvalho cahiu antes de ser ministro. E cahiu para nunca mais se levantar! No dia em que lhe faltou o apoio desinteressado da pequena burguezia, que o idolatrava, perdeu Marianno de Carvalho toda a sua força.

Quem luta hoje como elle lutou? Quem resiste á miseria, como elle resistiu? Quem cahe hoje, como elle cahiu? Quem, quem, no proprio partido republicano, quanto mais nos partidos monarchicos?

Hoje entram todos na vida publica a roubar e a mentir. Não chegam a essa miseria moral depois de angustias, desgostos, infelicidades, desastres de varias ordens. Começam por ahí. Roubar, mentir, tornou-se coisa licita na vida politica em Portugal. No proprio partido republicano, quanto mais nos partidos monarchicos.

Marianno de Carvalho, monarchico, cahiu inteiramente no conceito publico, perden inteiramente as dedicações populares, no dia em que se tornou instrumento dos interesses dos grandes syndicatos, das grandes companhias. O partido republicano dá votos de louvor e envia mensagens aquelles dos seus chefes que praticam precisamente os mesmos actos que fizeram baquear desastrosamente Marianno de Carvalho. Mais Marianno de Carvalho, era, esse, um grande parlamentar, um parlamentar a valer! Um grande professor, e um grande professor que se manteve annos e annos na regencia da sua cadeira! E um grande jornalista!

Não foi o reclame barato e peulintra que o fez grande. Foi o seu enorme merecimento. Sem que por

isso deixasse de ser atacado, sem vir a campo feito espedachim, por toda a gente n'esta terra.

A mesma lucta com a miseria que manteve tantos annos Mariano de Carvalho, manteve-a Emygdio Navarro e Pinheiro Chagas. Só ao cabo de muitas difficuldades e tormentas estes homens cahiram no lamentavel scepticismo que os acompanhou depois até á morte. Uns mais honestos, outros menos honestos. Por fim, scepticos todos. No entanto, só depois de invadidos por esse scepticismo, e apesar de monarchicos, se atreveram a zombar dos immortaes principios, como zomba agora o sr. Brito Camacho, relativamente moço, republicano e sem difficuldades materiaes que lhe façam da vida uma amargura.

Quem se atreveria, até 1891, a dar o nome de Botto Machado, ou quejandos, a centros republicanos? Quem?

Qual seria o chefe republicano capaz de dizer n'um congresso, em cima d'uma proposta que visasse um apostata ou um jornal que houvesse manifestamente atraído o seu partido: «A approvação d'essa proposta representará um aggravamento para mim?» Qual? E, dizendo-o, qual seria o congresso que não desencadeasse contra elle uma verdadeira tormenta?

Não ha, nas epochas mais calamitosas para a liberdade, periodo algum, na historia da decadencia, do enfraquecimento, do aviltamento dos povos da Europa que, nos ultimos cincoenta annos, se possa comparar a este que atravessamos.

Bem desgraçada foi a epocha do segundo imperio em França. Contudo, mantinham-se voluntariamente no exilio homens como Victor Hugo, Quinet, Ledru-Rollin e Louis Blanc, e de lá excitavam, com os mais violentos pamphletos, o sentimento de liberdade e de revolta adormecido no coração do povo francez. Qualquer d'esses homens se sentiria deshonrado em se dizer amigo do rei, como se diz em Portugal Bernardino Machado, em fazer elogios ao rei, como faz em Portugal Bernardino Machado, em dirigir pezames ao rei, como dirige em Portugal Bernardino Machado, ou em jantar com os cortejos mais intimos e festejados do Paço, como janta em Portugal Bernardino Machado. Qualquer d'elles se sentiria deshonrado em escrever como escrevem quasi todos os redactores e collaboradores do *Mundo*, mas qualquer d'elles se sentiria ridiculo, tambem, escrevendo como escreve o sr. João Chagas ou os redactores e collaboradores da *Lucta*. Era sem luvaz que Victor Hugo, como todos, afinal, escrevia os seus famosos, os seus violentissimos requesitorios contra o imperador.

O sr. Brito Camacho zomba a cada passo do jacobinismo, da irreligião, da Revolução Franceza e dos immortaes principios. Em França, era com o jacobinismo de Julio Vallés, de Blanqui, de Felix Pyat, de Longuet, de Flourens, de Desleschoze, de Cluseret, de Ranc e de Rochefort, era com a irreligião do mesmo Blanqui, auctor da celebre formula *Ni Dieu ni Maître*, de Proudhon, o *atheista*, de Jaclard, de Levrard, de Villeneuve, de Clémenceau, materialistas, de Littré, positivista, era com o anticlericalismo de Michelet, de Quinet, de Gambetta, e Julio Ferry, de Brisson, de Floquet. era com a exaltação dos immortaes principios e dos grandes homens da Revolução, Gambetta exaltando Danton, Tridon exaltando os Hebertistas, Vermorel reeditando as obras de Robespierre e Ernesto Hamel publicando os seus notaveis estudos sobre Saint-Just e Robespierre, que despartava, que se reorganisava o partido republicano francez, e que o imperio se via tão periclitante que tentava salvar-se n'uma aventura.

Pois fez-se lá nunca, e em alguma parte, o que estão fazendo os chefes e dirigentes republicanos em Portugal? Não, que é tão estúpido que só n'esta terra se poderia imaginar e executar.

Nem os mais conservadores dos republicanos francezes d'essa epocha, Julio Favre, Julio Simon, Hebrard, Picard, Henon, Challemel-Lacour, tiveram as indecisões e déram curso ás heresias a que se abalanchavam em Portugal os que se dizem menos conservadores. Isto é peor do que a negação de toda a politica revolucionaria e democratica. Isto é continuar a manter subjugada, melhor diremos bestializada a intelligencia portugueza. Isto é continuar a obra nefasta, a obra tremenda do apodrecimento do caracter nacional, iniciada pela Santa Inquisição Catholico-monarchica e tão galhardamente alimentada pela Santa Inquisição Catholico-republicana.

Isto nunca se viu. Isto brada aos céos e ao inferno. Offende a Deus e ao Diabo.

Quem viu aquellos congressos do Club Henriques Nogueira, na Rua dos Fanqueiros, e aquelle congresso do Club Fernandes Thomaz, no Largo da Esperança, e quem viu agora o congresso do Largo de S. Carlos. Que espantosa decadencia, que pavorosa inferioridade! Nos congressos do Club Henriques Nogueira era batida e posta em cheque pela massa radical, como diziam os *filalgotés*, toda a flor fina da chefia republicana. No congresso do Club Fernandes Thomaz era derribado estrondosamente José Elias, que já tinha atravessado os congressos anteriores sob um chuveiro de invectivas furiosas. Havia *povo*, havia vida, havia enthusiasmo e o fervor da idéa. Agora tudo recolhia a lingua á primeira fórma deante d'um gesto dictatorial de Bernardino Machado. Agora chegou-se á degradação de se ficar *mudo e quedo como um penedo* quando o Rei da Republica ameaçou que *melindrar o Seculo* seria aggravar a sua magestática pessoa.

Pois não succede ao partido republicano o que succede á cidade de Lisboa? Crescem materialmente. Mas diminuiu moralmente, mas diminuiu intellectualmente.

Muita loja bonita, muita rua bonita, muita mulher bonita, mas tudo mais escravizado do que nunca. A companhia carris de ferro é um jugo. A companhia das aguas é um jugo. A companhia do gaz é um jugo. A companhia dos phosphoros é um jugo. A companhia dos tabacos é um jugo. E até as creadas de servir são um jugo. Dantes as mulheres eram menos elegantes, mas sabiam fazer alguma coisa. Agora não sabem fazer coisa nenhuma. Cresceram em elegancia, mas cresceram tambem na inutilidade. Já não ha donas de casa. Isso acabou. E os pobres dos homens ficaram á discreção das... creadas de servir. Aconteceu ás mulheres o que aconteceu ás lojas: mais elegantes, mais janotas, mas... mais caras.

Quando eu era rapaz, havia na Travessa do Cotovello uma casa d'iscas—a melhor d'esse tempo—que tinha os garfos e as facas presos á mesa por um cadeado, para os freguezes os não roubarem. E' singular! Sinto agora em Lisboa, no que como, no que bevo, no ar que respiro, a impressão que sentia quando na casa d'iscas da Travessa do Cotovello encontrava os garfos e as facas presos á mesa pelo cadeado.

Tudo é contado, tudo é medido, tudo é vigiado. Todos nos fiscalizam, todos nos vigiam, todos nos mandam e todos nos batem. Que horrorosa escravidão! E que vergonhosa abjecção! Até o Bernardino Machado nos põe o dedo no nariz. E tal é, já, o habito de escravidão, que fica tudo calado!

Quer dizer, é tudo falso, é tudo apparente, é tudo uma mentira. Estamos em pleno regimen de *béras*. Béras no jornalismo, no professorado, na politica, no commercio, na industria, e na familia. Dantes havia poucos brilhantes, mas os poucos que havia eram authenticos e legitimos. Hoje ha muitos. Mas todos falsos! E os que não são falsos não são nossos, do povo, da nação. Nós não temos nada. Estamos nas condições d'um

fallido, ou d'um prodigo. Andamos em nossa casa com licença dos outros.

Falamos, porque nos dão licença para falar. Pensamos, porque nos dão licença para pensar. Co memos, dormimos, passeamos, porque nos dão licença para comer, para dormir, para passear. Isto é das quadrilhas, nacionaes e estrangeiras. Das quadrilhas da industria, do commercio, da finança, da politica. De todas as nacionalidades, de todos os partidos, de todas as côres.

Que pavorosa decadencia intellectual e moral a d'esta cidade de Lisboa! A d'este paiz todo!

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Rocio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado, na Havanca de Alcantara, mercado d'Alcantara n.º 6, e no Bazar da rua Direita de Belem, 103. No Porto, na rua Sá da Bandeira 41. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferreira Borges, 27, e em Aveiro no kiosque de Antonio de Souza, Largo de Luiz Cypriano.

Temos em nosso poder um communicado do sr. Antonio Maria Ferreira, mas não o podemos publicar este n.º por nos chegar á ultima hora original com que não contavamos. Sahirá no proximo domingo.

A' MARGEM

Foi transferido de Coimbra para Bragança o coronel de infantaria 23. E assim vae o proprio governo provando a razão que assistia ao sr. Homem Christo!

Fez pouco, pouquissimo o governo. Mas vamos, que sempre fez mais que os republicanos! Estes deram palmas e vivas ao Bernardino Machado, o mais culpado, o mais odioso de todos. O governo castigou o coronel do 23, santo ao pé de Bernardino Machado.

Continuam os republicanos em flagrante divida á justiça.

O PREÇO DOS TABACOS

Publicamos em seguida os preços da nova tabella dos tabacos:

- O charuto cortado de 10 réis passa a vender-se a 15 réis.
- O charuto de picar de 10 réis passar a vender-se a 15 réis.
- O charuto de picar de 20 réis passa a vender-se a 25 réis.
- As cigarrilhas Incriveis, Pachás e Rufinas, augmentam 5 réis em cada maço.
- Os tabacos picados «Hollandez», de 180 rs. a 200 rs.; o «Americano», de 40 rs. a 50 rs.; «Perfeição», de 60 rs. a 70 rs.; «Superior», de 60 rs. a 70 rs.; e «Francez», de 70 rs. a 80 rs.
- Os cigarros «Almirantes», que se vendiam em maços de 7 a 20 rs., passam a vender-se em maços de 9, a 30 rs.; o «Kentucky» em fio que se vendia em maços de 10 cigarros a 20 rs., passa a vender-se em maços de 12 cigarros a 30 rs.
- O rapé que era de 25 o «hote», passa a vender-se a 30 rs. e o de 50 rs. a 60 rs.

Praça de touros

O abastado capitalista, sr. Domingos João dos Reis, vae construir uma praça de touros, n'esta cidade, tencionando inaugurar-a ainda este anno.

Dizem-nos que o projecto está bem elaborado.

A DICTADURA

Está, emfim, proclamada a dictadura. E sobre esse facto borda cada um os commentarios que mais convem ao seu interesse ou aos interesses da sua facção.

Sabem os leitores muito bem que não succede comnosco a mesma coisa. Somos a unica pessoa,—e temos com isso um especial prazer,—que diz o que pensa, só o que pensa, no jornalismo portuguez, agrade a quem agradar e desagrada a quem desagradar.

Reprovamos, escusado é dizelo, abertamente a dictadura. Por isso mesmo aconselhámos insistentemente os dirigentes republicanos, como meio possivel e provavel de a evitar, a que se mantivessem rigorosamente no campo dos principios, fugindo de todos os erros e excessos que podessem provocala ou justifica-la. E, por isso mesmo, impomos agora aos dirigentes republicanos a inteira responsabilidade do seu procedimento.

Responsabilidade tremenda, diga-se com inteira verdade e com inteira justiça. Em consciencia ninguem pôde dizer que não sejam os dirigentes republicanos os maiores culpados da dictadura. Quem quizer ver as coisas serenamente, livre de todas as paixões, ha de reconhecê-lo e confessá-lo. Poderia vir a dictadura, por mais correcta que houvesse sido a attitude dos republicanos. Poderia não ser a dictadura, como era provavel. Admittimos sempre, como se sabe, essa hypothese. Mas alem de não ser o *mais provavel*, outra, muito outra seria, n'esse caso, a situação dos republicanos. Ninguem lhes poderia imputar responsabilidades,—exactamente o que convinha,—d'um facto odioso e perigoso. Odioso sob o ponto de vista dos principios. Perigoso sob o ponto de vista dos interesses do paiz e dos proprios interesses do partido republicano, que só teria a ganhar se tivesse elementos para fazer a revolução, que tanto apregoava. Não os tendo, se não perdeu tudo perdeu muito mais do que ganhou.

Convinha, pois, que se não podesse attribuir aos republicanos nem a exclusiva responsabilidade, nem a maior culpa e nem sequer parte da culpa do que aconteceu. Infelizmente todos estão autorizados a attribuir-lhe toda a culpa com probabilidades de acertar, e, pelo menos, sem duvidas para ninguem, a melhor parte ou uma boa parte d'essa culpa.

Isto na melhor hypothese, queremos dizer, mesmo no caso da dictadura se consummar por mais habil e prudente que houvesse sido a conducta do partido republicano. Mas consumar-se-hia?

João Franco tinha toda a conveniencia em se manter dentro das suas promessas. Toda a conveniencia. E' preciso não o esquecer. Fosse ou não fosse sincero nos seus apregoados propositos liberaes. Iniciava um periodo novo. E isso nobilitava-o. E isso dava-lhe força. Era a unica maneira de não se confundir com os outros chefes monarchicos. Sahir d'ahi era perder-se. Era matar-se. Porque para governar á moda de José Luciano e de Hintze Ribeiro lá estava José Luciano e lá estava Hintze Ribeiro. Resultava inutil João Franco. Inutil e ridiculo.

Não teria visto isto João Franco? Quem o pôde admitir?

Mas podia João Franco manter-se no campo liberal depois da attitude aggressiva, desordenada, violenta, provocadora dos republicanos? Não. Tambem é preciso ser tolo ou velhaco para não o reconhecer. Não, que não lh'o permitiam as intrigas dos monarchicos e as intrigas das camarilhas palacianas. As intrigas dos monarchicos e as suas violencias. Porque no fim de contas a especulação monarchica era tão violenta e tão desordenada como a asneira republicana. E ainda por causa d'esta asneira. Os republicanos, no seu papel eterno de simples instrumento das opposições monarchicas, davam aquellas especulações pasto succulento.

Que restava, pois, a João Franco? Dentro dos principios, dentro mesmo da sua dignidade, depois das affirmações mais solemnes, mais terminantes, mais catheticas que havia feito em sentido liberal, só uma coisa lhe restava: vir-se embora. Mas João Franco não é para isso. Era indispensavel contar com o seu temperamento. Com elle deviam contar, com elle teriam contado os dirigentes republicanos, se fossem sinceros e se fossem habéis. E dizemos se fossem sinceros e se fossem habéis, por que se alguns eram sinceros outros havia que nem eram sinceros, nem eram habéis. Neste caso estavam os piores, isto é os que mais aggressivos se mostraram contra João Franco, o que foram Bernardino Machado, homem cheio de rancores, que não perdoava a João Franco as rivalidades do ministerio regenerador de que ambos fizeram parte, e Affonso Costa, que queria adquirir, ou conservar, como o mais valente, predomínio entre a plebe, sempre revolucionaria e exaltada. A estas pequeninas coisas estão sujeitos muitas vezes os altos interesses d'uma democracia ou d'um povo.

João Franco não era para isso. João Franco não era homem que por amor dos principios *apanhasse e calasse*. O seu temperamento de *valentão* surgiria logo. E responderia com bordoadas á bordoadas.

Era inevitavel. Era fatal.

De fórma que era muito provavel que vingasse, senão completamente em grande parte, a experiencia liberal de João Franco, se os republicanos houvessem procedido com amor e respeito de principios e com o necessario senso pratico.

Suicidou-se João Franco, exclama-se. Mas porquê? Annullado estava elle, desde que lhe era impossivel manter o seu programma liberal. Annullado estava elle. Só lhe poderia restar uma esperanza: vir a ser chefe do partido progressista. Mas essa esperanza era muito frouxa, por muitas causas, e uma d'ellas porque as pernas do sr. José Luciano, essas pernas que já foram a desgraça do sr. Alpoim... resuscitaram.

Annullado estava elle. Poderia haver situação mais mesquinha que a sua, reduzido a uma especie de famulo do sr. José Luciano de Castro, e ainda com a obrigação de fazer venia ao sr. Hintze Ribeiro?

Não. Morra Martha, morra farta. Toda a gente chama *tolo* a João Franco. Pois, francamente, nós não somos d'essa opinião. Para nós, o homem não se suicidou. O homem procurou simplesmente livrar-se do suicidio. Pondo de parte a questão de principios, é claro.

Das duas uma: ou elle mantem a dictadura, ou não mantem. Mantem? E faz uma *boa dictadura*? N'um paiz de *valentões*, de *brutos*, onde o prestigio da força ainda é o maior de todos os prestigios, João Franco, então, *salvou-se*. Fica sendo o *primeiro entre os primeiros*. E' pela certa. E como duvidar, se os primeiros que tratam os principios a pontapé, se os primeiros que os desprezam, se os primeiros que zombam d'elles, se os primeiros que se mostram brutaeis e adoram o prestigio da força são exactamente os republicanos?

Não duvidem. E' pela certa. N'esse caso João Franco codilha monarchicos, codilha republicanos, codilha-os a todos. Fica sendo um *grande homem*, o maior homem d'esta terra.

Mas não mantem a dictadura? Que perdeu? Nada. Em vez de cahir á capucha, cabe com estrondo. E para este paiz de brutos, de selvagens, que o barulho encanta, como aos pretos, ainda mesmo por esse lado ganhou.

Sobre as probabilidades de duração da dictadura nada diremos. Mas João Franco bem devia calcular que ia ter *todos* os partidos contra elle. E o rei tambem! Vae o rei exaultorar-se despedindo amanhã o ministerio? Que se ponha qualquer no seu logar e que responda. Quando se fazem coisas d'aquellas já se conta com as peores eventualidades. Não. O rei só despediria amanhã o governo se visse o throno em perigo. E nem o sr. José Luciano, nem o sr. Hintze Ribeiro, nem o sr. Bernardino Machado são creaturas para pôr o rei em tamanha contingencia.

Não nos parece que a dictadura seja longa. Mas tambem nos parece que não cahe já.

E eis, segundo nós, o aspecto verdadeiro da situação.

«Alma Feminina»

E' o titulo d'uma nova revista illustrada redigida por alguma das individualidades mais notaveis do nosso meio feminino. Jornal feito por mulheres e dedicado ás mulheres, occupa-se de todos os assumptos que podem interessar e levantar o espirito feminino.

A *Alma Feminina* cria uma nova atmosphera de ideias e de estimulos para a mulher portugueza, franceza e dedicada ás suas columnas n'uma collaboração remunerada. Trabalhada com muito amor, no vivo empenho de todos os que pensam e estudam dar uma parcella de carinhoso interesse, fitando os horizontes luminosos que vae rasgando o espirito moderno na condição social da mulher, é de dever que todas as mulheres portuguezas e brasileiras, irmãs pelo sangue, pelo berço e pela historia, confraternisem intellectualmente fazendo viver e progredir esta excellente revista, com o suggestivo titulo de *Alma Feminina*.

A direcção é confiada á illustre escriptora D. Albertina Paraiso, secretariada por D. Virginia Quarésma, distincta escriptora portugueza e redigida pelos primeiros talentos femininos portuguezes e brasileiros.

Toda a correspondencia relativa á redacção e administração da *Alma Feminina* deverá ser enviada para a rua Passos Manuel, 27-1.º—Lisboa.

CENTRO FOTOGRAFICO
PORTO
R. SÁ DA BANDEIRA—135

MACHINAS "PFAFF,"

— E —

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Clafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Podem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Album Republicano

E' agente em Aveiro d'esta importante revista, o sr. Bernardo de Souza Torres, proprietaria da Veneziana, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assignaturas.

Feitos quasi de graça se na

Officina de alfaiate

do
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL
DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Jose Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-
Chirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias
das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI
ATRAVEZ DO EGYPTO E DA
VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 300 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encartegamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

TYPOGRAPHIA

— DO —
POVO DE AVEIRO

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150

Guia prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

Arte de Escripção—cada caderno, 30

Livros de polémica sobre o Methodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado 500
A Cartilha Maternal e a Critica 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 45—AVEIRO